Desenvolvimento e Progresso

por **Pier Paolo Pasolini**

(traduzido para português a partir de uma tradução para Inglês de Robin Monotti Graziadei)

Existem duas palavras recorrentes nas nossas conversações : melhor, são as palavras chave das nossas conversações. Essas duas palavras são "desenvolvimento" e "progresso". Serão estas palavras sinónimos? Ou se não são sinónimos, será que indicam dois momentos diferentes do mesmo fenómeno? Ou indicam dois fenómenos diferentes que são apenas parcialmente análogos e síncrones? Em último lugar; será que indicam dois fenómenos que se opõem entre si, que apenas de forma aparente coincidem e se integram um com o outro? Temos que clarificar absolutamente o significado destas palavras e a sua relação, se nos queremos entender uns aos outros numa discussão que se relaciona de forma íntima com o nosso dia-a-dia e até com a vida física.

Vejamos: a palavra "desenvolvimento" tem hoje uma teia de referências que se relaccionam a um contexto que é definitivamente da "direita".

Quem é que, de facto, quer o desenvolvimento? Em outras palavras, quem é que o quer não no sentido abstracto e ideal, mas de forma concreta e por razões de interesse económico imediato? É evidente: aqueles que querem "desenvolvimento" nesse sentido são aqueles que produzem; ou seja os industriais. E, dado que o "desenvolvimento" na Itália é este desenvolvimento, estes são exactamente os industriais que produzem bens supérfluos. A tecnologia (ciência aplicada) criou a possibilidade de industrialização prácticamente ilimitada, de um carácter sólidamente transnacional. Os consumidores de bens supérfluos, por sua vez, concordam irracional e ignorantemente em desejar "desenvolvimento" (este desenvolvimento). Para eles este significa avanço social e libertação, com a consequente repudiação dos valores culturais que lhes tinham proporcionado os modelos de serem "os pobres", os "trabalhadores", os "poupados", os "soldados", os "crentes". As "massas" são consequentemente a favor do "desenvolvimento": mas vivem esta ideologia apenas de forma existencial, e existencialmente carregam consigo os novos valores do consumismo. Isto não obvia o facto da sua escolha ser decisiva, triunfalista e peremptória.

Quem é que, em vez disto, quer "progresso"? Aqueles que não têm qualquer interesse imediato a satisfazer através do "progresso": operários, mão de obra nos campos, intelectuais de esquerda. É desejado por aqueles que trabalham e consequentemente são explorados. Quando digo que "é desejado" digo-o no sentido autêntico e total (poderá porventura existir um "produtor" que deseja, acima de tudo, e talvez sinceramente, progresso: mas este caso em particular não conta). "Progresso" é assim uma noção ideal (social e política): "desenvolvimento" é pelo contrário um facto económico pragmático.

Agora é esta cisão que requer uma "sincronicidade" entre "desenvolvimento" e "progresso", já que verdadeiro progresso não é concebível (ou assim parece) sem que se criem as premissas económicas para o alcançar.

Qual foi a palavra de ordem de Lenine assim que a revolução foi ganha? Foi uma palavra de ordem que apelava ao imediato e grandioso "desenvolvimento" de um país subdesenvolvido. A indústria Soviete e eléctrica... Vencida a guerra de classes pelo "progresso" agora uma outra luta tinha de ser vencida, talvez mais cinzenta mas de modo algum menos grandiosa, pelo "desenvolvimento". Gostaria de adicionar todavia - e não sem alguma hesitação - de que esta não é uma condição compulsória para aplicar o Marxismo revolucionário de modo a estabelecer uma sociedade Comunista. A indústria e a industrialização total não foram inventadas nem por Marx nem por Lenine: foram inventadas pela burguesia. Industrializar um país agrícola Comunista significa entrar em competição com os países burgueses já industrializados. Isto é, neste caso, o que Estaline fez. E de qualquer modo não tinha outra alternativa.

Assim: a Direita quer "desenvolvimento" (pela simples razão de que o cria); a Esquerda quer "progresso".

Será isto uma contradição? Será uma escolha que nos apresenta uma questão de consciência individual? Provávelmente sim. Mas no mínimo é um problema que necessita de uma abordagem clara: isto é sem confundir, nem por um único momento, a ideia de "progresso" com a realidade deste "desenvolvimento". Para a Esquerda (digamos mesmo o eleitorado, para falar na ordem de milhões de cidadãos), a situação é esta: um trabalhador vive a ideologia Marxista conscientemente, e consequentemente, entre os seus outros valores, vive conscientemente a ideia do "progresso"; ao passo que, contemporâneamente, este vive, existencialmente, a ideologia consumista, e consequentemente, a fortiori, os valores do "desenvolvimento". O trabalhador encontra-se assim dividido. Mas não é o único.

Até o clássico poder burguês se encontra de momento completamente dissociado: para nós Italianos este poder burguês (que é prácticamente fascista) são os Democratas Cristãos.

Por esta altura porém gostaria de deixar a terminologia que Eu (artista!) utilizei mais atrás, e mergulhar num exemplo vivaz. A divisão que neste momento divide em dois o antigo poder clérico-fascista, pode ser representado por dois símbolos opostos e irreconciliáveis: "Jesus" (neste caso o Jesus do Vaticano) por um lado, e o "Jesus de blue-jeans" por outro. Duas formas de poder, uma em frente à outra: deste lado a multidão de padres, de soldados, dos pensadores à direita e dos assassinos; daquele lado os "industrialistas" produtores de bens supérfluos e as grandes massas de consumidores, seculares e, talvez idióticamente não religiosas. Travou-se uma luta entre o "Jesus" do Vaticano e o "Jesus" dos blue-jeans. No Vaticano - quando este produto e os seus cartazes apareceram - elevaram-se altos lamentos. Altos lamentos usualmente seguidas pela mão secular que tinha na mira a eliminação de inimigos que a Igreja talvez nem nomeasse, limitando-se apenas e só aos lamentos. Mas desta vez, nada se seguiu aos lamentos. A longa mão permaneceu inexplicávelmente inerte. A Itália está coberta de cartazes que representam rabos com o texto "aquele que me ama segue-me" e envoltos nos tais blue-jeans da marca Jesus. O Jesus do Vaticano perdeu.

Agora o poder clérico-fascista democrata-cristão, vê-se ele mesmo rasgado a meio por estes dois "Jesuses": a antiga forma do poder e a nova realidade do poder..."

Pier Paolo Pasolini (1973, Corriere dela Sera - não publicado)